

**POLIFONIA E IMPLÍCITO
COMO RECURSOS ARGUMENTATIVOS
EM TEXTOS MIDIÁTICOS**

Solange Silveira Souza (UNESA)
solangesilveira@ig.com.br

O presente trabalho teve por objetivo analisar os índices de polifonia e de implícito, elementos fundamentais para uma melhor compreensão de um texto, usados como recursos argumentativos em textos midiáticos, ou seja, artigos assinados, publicados por jornais de grande tiragem no Brasil. Levando-se em consideração que a principal função desses textos é a de informar a realidade a partir de uma ótica, de maneira a situar o leitor nos fatos importantes para a sua comunidade, além de mantê-lo atualizado a respeito de seu contexto sócio-histórico, é de grande importância analisar tais recursos linguísticos utilizados nesses textos com a intenção de persuadir o leitor.

O estudo foi dividido em duas partes. Num primeiro momento, abordaram-se as noções de polifonia e de implícito, baseando-se, principalmente, na pesquisa desenvolvida por Regina Célia Angelim e, com grau de comprometimento menor, em bibliografia complementar. Posteriormente, foi feita a aplicação da teoria em um texto midiático.

1. Polifonia

Por polifonia entende-se a “multiplicidade de sujeitos responsáveis pelo ponto de vista das falas em um texto” (ANGELIM, 2003, p. 15), acrescentando-se que este é um recurso estratégico usado com frequência nas dissertações de convencimento. Tal recurso possui marcas linguísticas como: emprego de verbo no pretérito imperfeito, de verbo na voz passiva, de verbos cujos significados explicitam tratar-se de outro falante, de uso de partícula indeterminadora do sujeito, de modalização, de discurso indireto, de nominalização de fatos.

Segundo Koch (2007, p. 63), polifonia designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir ‘vozes’ que “falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com os quais o locutor se identifica ou não”. De acordo com a autora, existem “índices” que caracterizam, no texto, a presença de outra voz, tais como os operadores argumentativos,

os marcadores de pressuposição, o futuro do pretérito como metáfora temporal e o uso de aspas. Observe-se que, segundo essa autora, os marcadores de pressuposição aparecem como “índices” de polifonia.

2. Implícito

Para Platão e Fiorin (2007, p. 307), todos os textos contêm informações transmitidas explicitamente, ao passo que outras se encontram implícitas: são os pressupostos e os subentendidos.

Como implícito, pode-se entender, segundo Mangueneau (2008, p. 271), “o conteúdo que não constitui o verdadeiro objeto do dizer”, ficando a cargo do interlocutor a responsabilidade por sua interpretação.

Angelim (2003, p. 16) afirma que “não existem marcas de implícito, mas sempre se pode estabelecer uma ‘ancoragem textual’ explícita para ele”. A autora utiliza o termo “suportes significantes” para os pressupostos e “índices” para os subentendidos. Doravante esses serão os termos utilizados.

2.1. Pressupostos

No que se refere aos pressupostos, em muitos enunciados, conforme esquema apresentado por Angelim (2003, p. 16), pode ser estabelecido uma ancoragem textual para eles. Essa ancoragem se subdivide em cotextual, em que a base se situa no todo verbal explicitado; paratextual, em que a base se situa fora do texto e a contextual, em que a base se centra na situação, ou seja, na competência enciclopédica.

Cabe salientar, contudo, que Koch (2007, p. 46), diferentemente da abordagem apresentada por Angelim, afirma que “além dos operadores argumentativos existem outros elementos linguísticos” que introduzem os pressupostos, a saber:

- verbos que indicam mudança ou permanência de estado;
- verbos factivos, ou seja, que indicam estado psicológico;
- alguns conectores circunstanciais.

Também Platão e Fiorin (2007, p. 307), seguindo a mesma linha de pensamento de Koch, nos apresentam os pressupostos como unidades não expressas de maneira explícita, mas que possuem termos que servem

de marcadores de pressuposição, dentre os quais se destacam: (*idem, ibidem*)

- adjetivos ou palavras similares;
- verbos que indicam mudança ou permanência de estado;
- verbos que indicam um ponto de vista sobre o fato expresso por seu complemento;
- certos advérbios;
- orações adjetivas;
- certas conjunções.

Segundo Orlandi (2008, p. 82), o dispositivo teórico da análise do discurso inaugurou novas maneiras de ler, que indicam que o dizer tem relação com o não dizer, ou seja, o dito e não dito, em que o não dito (que também significa) é subsidiário ao dito; o pressuposto constituindo-se como uma das formas de não dizer.

2.2. Subentendidos

Em relação aos subentendidos, Angelim (2003, p. 16) afirma que:

(...) usa-se a nomenclatura de Kerbrat-Orecchioni e fala-se apenas em ‘pressupostos’ e ‘subentendidos’. Interessa é a diferença entre o que tem suporte significante (pressuposto) e o que não os apresenta e se infere por índices (subentendidos).

A autora menciona o fato de que a pressuposição resiste à negação e até mesmo a interrogação, mas altera o subentendido.

De acordo com Platão e Fiorin (2007, p. 310) subentendidos são “insinuações, não marcadas linguisticamente, contidas numa frase ou num conjunto de frases”. Salienta, também, que entre pressupostos e subentendidos existe uma diferença crucial: enquanto os primeiros são indiscutíveis, já que resultam, necessariamente, de alguma marca linguística colocada na frase, os segundos são de responsabilidade do ouvinte. Ocorre com o subentendido o mesmo que ocorre com o jogo de esconde-esconde, isto é, “o falante pode esconder-se atrás do sentido literal das palavras e negar que tenha dito o que o ouvinte depreendeu de suas palavras” (PLATÃO; FIORIN, 2007, p. 311). O subentendido é usado para

que o falante possa proteger-se: diz sem dizer, sugere, mas não diz. É o “não dito que significa” (ORLANDI, 2008, p. 82).

Puro Lula, o mais legítimo

Azar do presidente Lula que o caso de Sakineh Ashtiani, a mulher iraniana condenada a morrer apedrejada por traição conjugal, lhe tenha cruzado o caminho nesta hora de tanta boa vontade para com o Irã. Sorte de Lula por ocorrer num momento em que nada o constrange. Pode defender igualmente uma causa e a causa oposta, avançar não importa que argumento, arriscar não importa que proposta – e ainda zoar, brincar e cantarolar, no auge do maravilhamento com seus 80% de popularidade, suas supostas realizações e consigo mesmo. O puro Lula, o legítimo, o de última e mais avançada geração, emergiu nas três vezes em que abordou o caso da infeliz senhora.

Roberto Pompeu de Toledo (*Veja*, 11/08/2010, p. 150)

a) Pressuposto:

“...nesta hora de tanta boa vontade para com o Irã ” – reporta ao fato de que os dois países, provavelmente, nunca mantiveram relações diplomáticas amigáveis. Suporte de natureza contextual – base na situação (conhecimento ativado de fatos do momento).

“Sorte de Lula por ocorrer num momento em que nada o constrange” – pressupõe-se que no passado diversas situações deixaram Lula constrangido, mas que no momento isso não mais ocorre, tamanha a sua autoconfiança (suporte: *nada o constrange*). Existe um tom de ironia, de censura. Suporte de natureza paratextual.

“O puro Lula, o legítimo, o de última e mais avançada geração” – percebe-se uma forte ironia e também uma intertextualidade que remete a uma antiga propaganda de bebida (suporte: *o puro, o legítimo*). Suporte de natureza paratextual e contextual.

b) Subentendido:

“no auge do maravilhamento com seus 80% de popularidade” – subentende-se que o povo está satisfeito com a governabilidade do presidente já que sua popularidade atinge os 80%. Índice de natureza contextual.

“...suas supostas realizações...” – do adjetivo “supostas” subentende-se que ele não cumpriu, de fato, as promessas de campanha. Índice de natureza contextual.

Na primeira vez, soltou a tese da “avacalhação”. Ao lhe perguntarem se estaria disposto a interferir em favor da condenada, respondeu que isso não cabe a um presidente. “É preciso ter cuidado, porque as pessoas têm leis, as pessoas têm regras. Se começam a desobedecer às leis deles para atender aos pedidos de presidentes, vira avacalhação”. O mesmo argumento de respeito às leis alheias já havia sido utilizado antes com relação aos presos políticos de Cuba. Se as leis de cada país devem ser respeitadas, então a África do Sul teve razão em manter Nelson Mandela preso, por desrespeito às leis do *apartheid*. E o Brasil de 1980 teve razão em decretar a prisão de certo Luiz Inácio da Silva, dito Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, por desrespeito à Lei de Segurança Nacional.

c) Polifonia:

“...soltou a tese da ‘avacalhação’ ” – o uso das aspas como marcador polifônico é utilizado como meio de manter a distância do autor em relação ao termo utilizado, atribuindo ao presidente Lula a responsabilidade pelo uso de tal expressão.

“Ao lhe perguntarem ... respondeu que isso não cabe a um presidente” – reporta possível fala dos jornalistas. A marca linguística é o verbo “perguntar”. Outro marcador polifônico é o verbo “responder”. Esses verbos explicitam tratar-se de outros falantes. O discurso indireto é outro marcador polifônico.

“É preciso ter cuidado, porque as pessoas têm leis” – reporta a própria fala do presidente a fim de deixar claro como Lula “solta” as palavras sem analisar o que está dizendo, ou seja, as pessoas são regidas por leis; e não as pessoas possuem leis, sendo, desta forma, inadequado o uso do verbo “ter”. O uso de aspas é o marcador linguístico.

a) Pressuposto:

“Se as leis de cada país devem ser respeitadas, então...” – infere-se que o presidente Lula não deveria ter usado o argumento de respeito às leis alheias já que algumas injustiças são cometidas em nome da lei, co-

mo, por exemplo, o caso da mulher iraniana, bem como o do próprio presidente quando líder sindical (suporte: na condicional *se, então*). Suporte de natureza contextual.

b) Subentendido:

“...soltou a tese da avacalhação” – fica subentendido um tom de ironia ao se empregar o termo *tese*, visto que não se trata exatamente de uma *tese*. Índice de natureza contextual. O outro índice encontra-se no verbo *soltar*, do qual subentende-se que Lula não pensa as palavras: ele as solta.

“o mesmo argumento ... já havia sido utilizado antes” – subentende-se novamente o tom irônico do autor ao empregar o termo “argumento”, deixando claro o tom crítico ao discurso do presidente. Índice de natureza contextual.

Na segunda vez, num comício em Curitiba, aderiu à avacalhação. Anunciou que telefonaria a Ahmadinejad, para falar do assunto. E adiantou: “Se essa mulher está causando incômodo, nós a receberemos de bom grado no Brasil”. A inusual proposta de asilo à condenada, como se fosse integrante de um movimento rebelde, não é o único momento digno de nota na frase. Há também as distrações no modo de se expressar, do desrespeitoso “essa mulher” ao “incômodo” que ela estaria causando – quando incômodo grande, este, sim, é o que o regime iraniano está causando à senhora Ashtiani. Lula estava nessa ocasião em seu ambiente, à vontade como costuma quando num palanque, trocando cumplicidade com o público. Terminou, caracteristicamente, com uma nota de humor, ao observar que, se também os homens fossem condenados ao apedrejamento por traição, “atire a primeira pedra, ai, ai, ai, aquele que não traiu” – e riu, e zoou, e avacalhou, e até cantarolou o samba de Ataulfo Alves ao pronunciar o “atire a primeira pedra”.

c) Polifonia:

“anunciou que telefonaria a ... do assunto” – reporta fala do presidente Lula. A marca linguística é o verbo *anunciou*, introdutor do discurso indireto.

“E adiantou: ‘Se essa mulher está causando incômodo, nós a receberemos de bom grado no Brasil’. Reporta fala do próprio presidente,

marcada pelo uso de aspas o que garante o distanciamento do autor do texto da fala de Lula. A marca linguística é o verbo *adiantou*. Outro índice de polifonia é o uso do pronome *nós*, que ecoa como se fosse a voz do povo brasileiro.

“atire a primeira pedra, ai, ai, ai, aquele que não traiu” – reporta a fala do próprio presidente. Novamente a utilização do recurso de aspas como forma de manter distanciamento daquilo que é dito pelo presidente Lula, destacando versos de uma canção popular, ou seja, uma paródia empregada pelo presidente. Além das aspas, outra marca linguística é o verbo no modo imperativo.

a) Pressuposto:

“não é o único momento digno de nota” – pressupõe-se que existam vários outros momentos dignos de nota nos discursos de Lula. Suporte de natureza paratextual e contextual.

“Há também as distrações no modo de se expressar ...” - pressupõe-se que Lula seja um “distraído” em várias outras situações, pressuposição com base na palavra “também”. Suporte de natureza paratextual.

“Lula estava nessa ocasião ... à vontade” – pressupõe-se que, quando está à vontade, ele se sinta tão descontraído que se distraia ao empregar certas expressões. Suporte de natureza cotextual.

“Terminou, caracteristicamente, com uma nota de humor, ou suposto humor ...” – pressupõe-se que o que o presidente considera como humor e o emprega como marca frequente em seus discursos pode ser engraçado para ele próprio, mas não o é para outras pessoas. Suporte de natureza cotextual.

b) Subentendido:

“Há também as distrações no modo de se expressar...” – fica implícito que Lula é um descuidado na seleção dos vocábulos que utiliza em seus discursos. Índice de natureza cotextual.

Em resposta ao oferecimento de Lula, o porta-voz do Ministério do Exterior iraniano afirmou que o presidente brasileiro é “muito humano e emotivo”, mas não está bem inteirado do caso. Se quisesse, o Irã lhe poderia passar mais esclarecimentos. Foi uma pena que Lula não tenha

dado sequência ao oferecimento de esclarecimentos. O caso de Ashtiani é obscuro. Anunciou-se que ela não será mais apedrejada, mas não se revogou a sentença de morte. O crime de que é acusada já variou de relações extraconjugais durante o casamento a relações depois da morte do marido, de relações com um homem a relações com dois homens.

Acrescentou-se depois que o homem, ou um dos homens, seria o assassino de seu marido. Como última novidade, introduziu-se a denúncia de que ela não responde apenas por traição, mas também por assassinato.

c) Polifonia:

“o porta-voz do Ministério do Exterior iraniano afirmou que o presidente brasileiro ‘é muito humano e emotivo’ – tem-se, aqui, a voz do autor do texto, bem como a do porta-voz ministerial, marcada tanto pelo verbo “afirmar”, bem como pelo uso de aspas, que salienta o que foi dito pelo representante daquele governo e afasta o autor dos adjetivos empregados pelo porta-voz para se referir ao presidente Lula.

“Anunciou-se que ela não será mais apedrejada” – o emprego do verbo “anunciar” é a marca linguística de polifonia, já que deixa claro tratar-se de outros falantes. O uso da voz passiva é, também, outro marcador polifônico, utilizado nos verbos “anunciou-se”, “não se revogou”, “acrescentou-se”, “introduziu-se”.

a) Subentendido:

“o presidente brasileiro é muito ‘humano e emotivo’, mas não está muito bem inteirado do caso” – subentende-se que o presidente Lula está usando um critério subjetivo para analisar a situação da mulher iraniana, quando, de fato, deveria utilizar um critério objetivo, isto é, baseado em conhecimento suficiente para a realidade daquele país, os quais, contudo, ele parece não possuir. Infere-se que ele não deveria se intrometer em assuntos diplomáticos que não lhe dizem respeito. Suporte de natureza contextual.

Se não houve pedido de esclarecimentos, houve comentário à declaração iraniana. Foi a terceira vez que Lula abordou o assunto, e o fez muito satisfeito. Ele gostou de ser chamado de “humano e emotivo”. “Fico feliz que o ministro do Irã tenha percebido que eu sou um homem

emocional. Eu sou muito emocional.” Era Luiz Inácio Lula da Silva em estado de encantamento com Luiz Inácio Lula da Silva. Ser “emotivo” (ou “emocional” – a divergência fica por conta das traduções diferentes do original iraniano) é um ingrediente que cai bem na composição do personagem Lula. E ninguém mais entusiasmado com o personagem Lula do que o próprio Lula. Ninguém mais embalado no mito Luiz Inácio Lula da Silva do que Luiz Inácio Lula da Silva.

b) Polifonia:

‘Fico feliz que o ministro do Irã tenha percebido que eu sou um homem emocional. Eu sou muito emocional’ – o trecho traz como marca polifônica a fala do próprio presidente, destacada pelo uso de aspas.

a) Pressuposto:

“E ninguém mais entusiasmado com o personagem Lula do que o próprio Lula. Ninguém mais embalado no mito Luiz Inácio Lula da Silva do que Luiz Inácio Lula da Silva” – o termo “mais” faz pressupor uma onisciência, uma prepotência, uma vaidade tão exacerbada que coloca Lula acima do bem e do mal. Ao contrário do que se esperava de Lula (que ele fosse o “salvador da pátria”), ele acabou se tornando “o exterminador do futuro”. Contudo, ele vê a si próprio como mais do que um herói nacional – ele se considera um mito. Suporte de natureza contextual.

A primeira pessoa vitimada pela síndrome de se considerar Napoleão Bonaparte foi Napoleão Bonaparte. Encher-se de si mesmo pode revelar-se um desvio tão agudo quanto o desvio clinicamente mais aberrante de achar-se outra pessoa. Numa crônica citada na última *Veja*, Manuel Bandeira referiu-se à vaidade de Heitor Villa-Lobos escrevendo: “Villa-Lobos acaba de chegar de Paris. De quem chega de Paris, espera-se que venha cheio de Paris. Entretanto, Villa-Lobos chegou de lá cheio de Villa-Lobos”. Lula é outro caso irremediável. Luiz Inácio Lula da Silva encheu-se sem volta de Luiz Inácio Lula da Silva.

b) Polifonia:

“Manuel Bandeira referiu-se à vaidade de Heitor Villa-Lobos escrevendo: ‘Villa-Lobos acaba de chegar de Paris (...) chegou de lá cheio de Villa-Lobos’ – aqui, há duas marcas de polifonia, a do autor do texto,

realçada pelo uso de aspas, e a de Manuel Bandeira, também marcada pelo uso das aspas.

a) Pressuposto:

“Lula é outro caso irremediável” – pressupõe-se que, além de Napoleão Bonaparte, também Villa-Lobos e o próprio presidente Lula foram acometidos pelo mesmo mal e que este mal não tem remédio. Suporte de natureza contextual.

b) Subentendido:

“A primeira pessoa vitimada pela síndrome de se considerar Napoleão Bonaparte foi Napoleão Bonaparte” – subentende-se uma forte crítica ao comportamento de Lula, comportamento este visto até mesmo como uma doença, uma vez que o autor utiliza o termo “síndrome”. Subentende-se, também, que não só Napoleão Bonaparte sofria desse mal, mas também outros personagens como Villa-Lobos e o próprio Luiz Inácio Lula da Silva. Índice de natureza contextual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Antônio Suarez. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 2002.
- ANGELIM, R. C. C. Polifonia e implícito como recursos argumentativos em textos midiáticos. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Org.). *Texto e discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- KOCH, I. G. V. *Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso*. São Paulo: Pontes, 2005
- PLATÃO, Francisco Savioli; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto, leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2007.
- SANTOS, Leonor Werneck dos. *Discurso, coesão, argumentação* (Org.). Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.
- WOLF, Virginia. Como se deve ler um livro? In: KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2004.